



Céu a cento e oitenta: a representação social sob o olhar da população em situação de rua¹

Suellen de Oliveira Amorim²
Adriano Medeiros da Rocha³

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Resumo

O trabalho consiste na elaboração de um vídeo documentário, que tem como tema principal a representação social da população em situação de rua. O resultado foi constituído através de conversas com moradores de rua das cidades de Belo Horizonte e Contagem, Minas Gerais. Ao todo são 12 entrevistas, entre moradores, ex moradores de rua e a mãe de um deles. O material foi organizado em uma obra de 22 minutos, abordando subtemas como Violência, O feminino na rua, Vícios, Viver na rua / Sobrevivência coletiva, Família, Relacionamentos a dois, Esperança e fé, além do tema principal: Representação social. Os conceitos sobre identidade, prioritariamente utilizados, foram buscados em Maria Luíza de Souza, Milton José Pinto, Norbert Elias e Stuart Hall. O trabalho pretende retratar o povo da rua sob uma visão próxima deste povo.

Palavras-chave

População em situação de rua, representação social, audiovisual, documentário, preconceito.

A população em situação de rua

A população em situação de rua existe na maioria dos grandes centros urbanos. Essa camada popular é formada pela parcela da sociedade que, de alguma maneira, não se enquadra nos padrões sociais pré estabelecidos. Essa inadequação poderá ser fruto da falta de recursos financeiros, ou mesmo uma inadequação de comportamentos que os faça se destacarem como “diferentes”. Este trabalho pretende expor as condições sob as quais a população de rua sobrevive e a quais situações a população de rua está submetida no convívio com a sociedade dita convencional.

A representante do Fórum da população de rua de Belo Horizonte, Egidia Maria de Almeida Aiexe (2011) esclarece que não há a reserva de subsídios, pela prefeitura de Belo Horizonte, para intervenções de reinserção social e para o pensamento urbanista, que deem conta da garantia de sobrevivência com dignidade por essa população.

A população em situação de rua é assim definida pelo Governo Federal:

¹ Trabalho apresentado no DT X – xx do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 03 a 05 de julho de 2013.

² Estudante recém graduada do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFOP, email: sue.amorim@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFOP, email: adrianomedeiros.ufop@gmail.com



Grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória. (Governo Federal, 2008, pág. 08)

A população em situação de rua desenvolve várias atividades para a garantia de sua sobrevivência, que vão desde a mendicância até a prestação de pequenos serviços, que podem ser catação de material reciclável (atividade predominante), lavagem e vigia de carros, venda ambulante. É preciso ressaltar que apenas o desenvolvimento de alguma dessas atividades não define a participação no grupo de população de rua, mas sim o uso que o indivíduo faz do espaço urbano coletivo, na busca de seu sustento.

O sobrevivente da rua passa a adotar um comportamento peculiar, e muitas vezes, hábitos como o de portar vestimenta limpa e manter a higiene pessoal são descontinuados ou assumem um segundo plano, causando estranheza e preconceito na parcela social que se adequa às convenções sociais. Ser visto como a causa e não a consequência do problema social que reflete a escassez de políticas públicas para o povo da rua é comum ao morador de rua.

A população de rua é mais frequentemente submetida a mazelas como enfermidades (muitas vezes atreladas à negação de tratamento), a fome, o frio, a dependência química e a violência física, sexual ou moral, e muitas vezes gratuita, debilitam o morador de rua e muitas vezes são o quadro propício para o desenvolvimento de transtornos psíquicos de diversas naturezas, como a depressão e a drogadicção. A pesquisadora Ana Paula Mota Costa alerta para o desenvolvimento, em efeito cascata, deste quadro: “São histórias de rupturas sucessivas e que, com muita frequência, estão associadas ao uso de álcool e drogas, não só pela pessoa que está na rua, mas pelos outros membros da família.”(COSTA, 2005, pág. 03)

O senso comum agrega direito ao pagamento de tributos. Assim, para a sociedade convencional, o fato de não pagar impostos com regularidade implica em retirar dos moradores de rua direitos universais, como o direito à saúde, à educação e de ir e vir em espaços públicos. A noção de que direitos são para todos é abandonada.

A sociedade, não raramente, se vê incomodada com a presença dessas pessoas no cenário urbano, porém de maneiras diversas. Alguns se solidarizam, outros preferiam que estas pessoas não fizessem parte de seus cotidianos. Mas independente do posicionamento individual, não há o desenvolvimento de ações frequentes em prol dessas pessoas, já que se posicionar a favor destes é negar um grupo de pertencimento, um pensamento coletivo.



A negação dessa existência, por parte da sociedade convencional, gera um problema maior para a população de rua, de cunho identitário: A ausência do pertencimento. A população de rua não se vê pertencente a nenhum grupo social reconhecido, bem como não alcança o reconhecimento necessário para o grupo que configura. Assim, não havendo pertencimento, não há a formação de uma imagem particular, a respeito de quem são e de qual o seu papel na sociedade.

Para Maria Luíza de Souza (1989), “participar é estimular-se para assumir a execução de ações previamente determinadas, assim como para assumir um conjunto de valores de modernidade, incorporando-os ao cotidiano das ações coletivas” (SOUZA, 1989, pág. 16). Dessa maneira, se não há essa identidade com este conjunto de valores, bem como se não há a absorção pelo grupo dominante, não há o pertencimento, se configurando as minorias. Apesar de contribuir ativamente com a manutenção das práticas que caracterizam a sobrevivência na rua (utilizando os serviços oferecidos nas ruas e sustentando a mendicância), a sociedade convencional se posiciona em constante conflito social com os moradores de rua.

O embate entre classes

Norbert Elias (1994) alerta para a importância da autonomia nas decisões individuais, dentro da moldagem social do comportamento. Elas são capazes de adaptar o ser, de acordo com a dureza ou elasticidade da sociedade, dentro de sua complexidade de questões. E também são capazes de definir seu destino:

Delas pode depender a determinação de qual das pessoas ou grupos em confronto, dentro de um sistema particular de tensões, se tornará o executor das transformações para as quais as tensões estão impelindo, e de que lado e que lugar se localizarão os centros das novas formas de integração rumo às quais se deslocam as mais antigas, em virtude, sempre, de suas tensões. Mas as oportunidades entre as quais a pessoa assim se vê forçada a optar não são, em si mesmas, criadas por essa pessoa. São prescritas e limitadas pela estrutura específica de sua sociedade e pela natureza das funções que as pessoas exercem dentro dela. (ELIAS, 2004, p. 48).

Portanto, a autonomia exerce influência fundamental sobre a segurança do indivíduo dentro da sociedade, como ator de um papel social. A noção de “se reconhecer para reconhecer o outro” se estabelece nesta interação, impulsionada pela autonomia do indivíduo. Ainda segundo Elias (1994), é dessa maneira que a possibilidade de dizer “nós” se faz, alavancando o espírito de coletividade. Quando falta essa noção de coletivo, também não há mais a



necessidade de obediência aos parâmetros sociais pré-determinados e o indivíduo passa a obedecer um código de condutas próprio, alimentando a estranheza gerada por sua presença na sociedade.

Para Milton José Pinto, as relações sociais estão intrinsecamente ligadas a ideologias como o Pertencimento, Atividades, Metas, Valores, Posição, e Recursos (PINTO, 2002, pág. 54). Elas colaboram sumariamente para o desenvolvimento das tramas sociais e, como já dito anteriormente, se o indivíduo não realiza atividades a fim de gerar recursos, cumprir metas e agregar a si valores que lhe impulsionem a escalar posições sociais, não há pertencimento. Não havendo pertencimento, voltamos à situação do indivíduo que se vê “sobrando” nesta sociedade.

Mas a sociedade também não consegue precisar qual a sua visão a respeito da população de rua. Ora incomodada com a presença da população de rua, ora sensível à sua condição, mistura propostas de higienização social à exigência do cumprimento dos direitos destes cidadãos, a depender dos fatos que estão em pauta na mídia no momento. Assim, os “sem-lugar” seguem à espera de processos efetivos de reinserção e de visibilidade social.

Com o crescimento constante de conflitos sociais, Stuart Hall (2011) esclarece que, na atualidade, é mais palpável entender a luta e a resistência do que a transformação e a reforma. Para Hall, a nova configuração da luta de classes não se trata mais de “classe contra classe”, e sim de “forças populares versus bloco do poder”. Isso porque, longe de uma luta ingênua entre classes, o que se configura hoje é o claro posicionamento do governo em favor das maiorias sociais.

Pensando a produção audiovisual

A primeira etapa do trabalho consistiu na revisão bibliográfica a respeito do assunto e também sobre a produção audiovisual. A etapa seguinte foi o contato com o povo da rua e a gravação em vídeo dessas conversas, quando autorizadas. Nessa etapa, realizei também, contato com algumas entidades que tratam do tema, que me auxiliaram indicando ex moradores de rua que poderiam ser entrevistados para o trabalho. Foi utilizada a entrevista qualitativa aberta, isto é, entrevistas que prezavam o conteúdo e para as quais havia um questionário base, porém a conversa buscava rumos naturais, sempre na tentativa de deixar o entrevistado confortável e salientando as expressões, os tons de voz, além da relação de confiança entre as duas partes. Como explicam Valdete Boni e Sílvia Jurema Quaresma (2005):



Em relação a sua estruturação o entrevistador introduz o tema e o entrevistado tem liberdade para discorrer sobre o tema sugerido. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. As perguntas são respondidas dentro de uma conversação informal. A interferência do entrevistador deve ser a mínima possível, este deve assumir uma postura de ouvinte e apenas em caso de extrema necessidade, ou para evitar o término precoce da entrevista, pode interromper a fala do informante. (BONI & QUARESMA, 2005, p.74)

A conversa em tom informal foi definida como parâmetro, pois em momento algum o entrevistado deveria se sentir pressionado ou induzido a nenhum tipo de resposta. Esta conversa informal porém, deveria versar, sempre que possível, a respeito da representação social da população em situação de rua: como esta população sente que é vista pela sociedade e como eles gostariam de ser vistos.

Todas as filmagens foram feitas sem auxílio de equipe, à exceção da noite de 28 de fevereiro, quando o trabalho foi feito em dupla, contando com a colaboração de um amigo. Essa situação atípica se deu porque, de acordo com relatos dos próprios moradores de rua, a incidência de uso de drogas - como o crack - é maior durante a noite, um modo paleativo de afastar a insegurança de estar na rua. Dessa maneira, as reações eram ainda mais imprevisíveis, sendo prudente não me apresentar sozinha neste ambiente.

Os meus entrevistados que compõem o trabalho final foram:

A) Davidson Júlio dos Santos, de 32 anos. Ele viveu na rua desde os nove anos, quando começou a fugir de casa com frequência. Hoje ele tem emprego fixo na Associação de Catadores de Papel, Papelão e Material Reciclável (ASMARE) e mora na República Reviver, um projeto experimental desenvolvido em parceria entre a Prefeitura e a Pastoral de Rua de Belo Horizonte. A casa abriga 40 homens biológicos em processo de saída da rua. Davidson não tem boas lembranças dos tempos que passou nas ruas, e declara: “a rua não te dá nada, ela te toma”.⁴

B) Elisângela Cândida da Silva, de 36 anos. Ela viveu na rua desde os 18 anos, quando saiu dos abrigos infantis. Hoje ela recebe Bolsa Moradia (auxílio governamental de R\$500,00, destinado à reinserção social da população de rua ou ao aluguel para pessoas que moram em locais sob risco geológico). Elisângela passou por experiências marcantes, como a tentativa de sequestro de seu filho, ainda bebê, enquanto morava nas ruas.

⁴ Trecho retirado de entrevista com Davidson Júlio dos Santos, realizada em 22 de fevereiro de 2013, na Asmare.



C) Samuel Rodrigues, de 44 anos. Natural do Paraná, Samuel foi trecheiro, ou seja, viajou a pé e viveu nas ruas durante 13 anos. Atualmente recebe Bolsa Moradia, mas ainda é militante do Movimento de Rua.

D) Farne Michele Ferreira do Nascimento. Farne é transexual e também foi trecheira, viajando a pé do Pará a São Paulo e mais tarde se estabelecendo em Belo Horizonte. Farne mora hoje na República Reviver, mas relata que a vida do transexual na rua é muito mais difícil, por causa da violência gerada pela homofobia.

E) Edson Ferreira de Souza (“Pai Véio”). Ele vive na rua há 40 anos, desde que veio da sua cidade natal, no interior de Minas Gerais. Hoje trabalha com reciclagem e diz ajudar a Guarda Municipal na fiscalização do Restaurante Popular / unidade Centro.

F e G) João Vidal (“Mundrongo”) e Kennedy Dias (“Barba”). Esta gravação foi realizada em dupla, a critério dos entrevistados. Eles estão na rua há aproximadamente cinco anos, e declaram estar sempre juntos, serem muito amigos. A entrevista com eles foi bastante extrovertida, tendo Mundrongo, inclusive, feito um rap, que falava sobre a forma como ele é visto pelas ruas.

H e I) Romildo Inácio da Silva (“Michael Jackson”). Romildo está nas ruas há 14 anos e ganhou este apelido por ser fã do cantor, imitando seus passos de dança. Romildo declara: “Não sou morador de ... [aponta para a rua], sou sofredor do governo”. Também conversei com a mãe de Romildo, Creuza Aparecida da Silva. Apesar de irritada pela “escolha” do filho em viver nas ruas, ela disse não abandoná-lo em hipótese alguma, indo inclusive visitá-lo com frequência na praça onde costuma ficar.

J) Marcelo da Conceição (“Marla”). Sem querer conversar comigo a princípio, Marla acabou mudando de ideia e quando posicionei a câmera, ele já tinha os olhos marejados. Marla fez um desabafo a respeito da condição do povo da rua e cantou a música “Teatro dos Vampiros”, do Legião Urbana, que diz: “Esse é o nosso mundo. O que é demais nunca é o bastante, a primeira vez, sempre a última chance, ninguém vê onde chegamos...”

K) Luís Carlos Marques (Pastor). Luís é alcóolatra e muito ciente de sua situação. Ele disse que deseja urgente parar de beber, ainda que isso lhe custe uma internação. Declarou fazer acompanhamento médico e que seu estado de saúde é grave por conta do vício. Relembrou a época em que era pastor evangélico, função para a qual deseja voltar, e mistura a realidade atual ao passado de teólogo, falando da parábola da ovelha desgarrada e dos dons divinos que lhe foram concedidos e que, para ele, estão desperdiçados.

L) Emerson Dolabela Aguiar. Emerson declarou viver nas ruas porque, após a separação, decidiu deixar todos os bens para a esposa. Dono de uma postura que chama a atenção, parece



organizar o grupo e cuidar dos amigos. Emerson acredita que a discriminação é algo recorrente para a população de rua. Ele tenta, na medida do possível, levar cabelos, unhas e barba sempre aparados, roupas limpas. Ele disse que não gosta de andar sujo, já que este fator aumenta o julgamento social.

Ao todo, foram oito dias de gravação, mas houve dias em que compareci às ruas apenas para conversar com o povo da rua. Hoje essas conversas compõem apenas as minhas lembranças particulares, mas foram muito importantes para as escolhas no processo de montagem e também para o meu enriquecimento pessoal.

O processo de edição

A montagem do documentário foi realizada organizando os fragmentos de acordo com temáticas que perpassam a vida do povo da rua. Foram elas: Violência, O feminino na rua, Vícios, Viver na rua / Sobrevivência coletiva, Família, Relacionamentos a dois, Esperança e fé, além do tema principal: Representação social.

O processo de edição exigiu muita atenção e tempo, devido ao grande volume de material. De acordo com Puccini (2009), enquanto para um filme de ficção a proporção entre a quantidade de material e a que será utilizada no produto final é de 6 para 1, no documentário esta proporção pode atingir 50 para 1. Assim, abrir mão das cenas prediletas do editor para priorizar as que têm maior relevância dentro da proposta inicial torna-se um exercício de análise criteriosa.

O processo de elaboração do roteiro inicial teve como premissa os conceitos de Steven Ascher em Bernard, 2008, que argumenta:

filmar a vida real é uma luta constante para instilar realidade em um subconjunto do filme, para que ele por si só faça sentido... o narrar de momentos, de gestos, de linhas de diálogo que sugerirão o restante da cena, sem que se tenha que ver o restante da cena. (ASCHER em Bernard, 2008)

Sob esta lógica, em *Céu a cento e oitenta*, os cortes secos entre cenas são uma opção para enfatizar a força e crueza dos depoimentos, muitas vezes versando sobre uma vida de sofrimentos. As transições de cena em estilo “*cross dissolve*”⁵ foram pensadas quando houve, mais uma vez, a necessidade de indução à reflexão para as cenas. Os momentos de silêncio

⁵ Efeito visual caracterizado pela transição gradual, em um filme, de uma imagem para a outra.



são induzidos pelos *fades*⁶ pretos. Optamos por um formato de créditos bastante simples, de acordo com o diálogo e a proposta estética visualizada também durante as conversas: a fonte *American Typewriter* foi utilizada, lembrando a escrita de máquinas de escrever, bastante rudimentar. Os *backgrounds* (*BGs*)⁷ utilizados foram apenas do gênero *samba*, e apenas em três momentos: entrada, apresentação da oficina de vídeo realizada no CREASPOP e créditos finais. Não senti a necessidade de incluir mais *BGs*, já que o ruído das ruas complementava constantemente a paisagem sonora. Além disso, como a base do filme é construída a partir dos trechos das entrevistas e diálogos, a inclusão de mais *BGs* poderia causar um embate entre sons e deixar inaudíveis fragmentos significativos dos depoimentos. Ao todo, foram 13 dias de edição, no período entre 04 e 20 de março. A parte técnica da edição foi orientada pelo funcionário do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA) - UFOP, Thiago Caldeira, e os processos de pesquisa, produção, gravação e montagem conceitual e estética da obra pelo professor Adriano Medeiros da Rocha.

Considerações Finais

Através desta pesquisa, consegui verificar que a população de rua mostra-se consciente da condição de “sobrantes” na representação social. Esta consciência é decorrente das reações que são percebidas no dia a dia da rua, partindo dos passantes e direcionadas ao povo da rua: olhares, gestos, palavras preconceituosas e até mesmo agressões morais, físicas e sexuais.

Há, ainda, um sentimento que permeia a fala da maioria dos moradores de rua: a sensação de dívida com a sociedade convencional. Ao procurar justificar sua sobrevivência pelas ruas, seus vícios e suas atitudes, a população de rua demonstra certa inferiorização social da qual são objeto, demonstrando a necessidade de explicitar suas razões para habitar um ambiente público. Dessa forma, passam de vítimas da exclusão e da escassez de oportunidades a devedores sociais; evidenciando que a posição que lhes reserva a sociedade convencional já está arraigada na sua formação de identidade.

A interação entre *população em situação de rua* e *sociedade convencional* ainda é bastante rasa, não permitindo a quebra de boa parte dos paradigmas e preconceitos. Isso ocorre porque as políticas públicas para reinserção social da população de rua ainda são muito escassas e o governo parece adotar um “lado” no embate de classes: a sociedade

⁶ Efeito visual caracterizado pela transição de uma imagem para uma tela preta (*fade-in*), ou vice-versa (*fade-out*).

⁷ Som ou música de fundo.



convencional. Dessa forma, o morador de rua permanece, a curto prazo, excluído, sem perspectivas de mudança realmente relevantes em sua condição marginalizada.

O documentário *Céu a cento e oitenta* pode ser visto no endereço eletrônico:
<http://www.youtube.com/watch?v=jaPSTL8i08o>

Referências bibliográficas

AIEXE, E.; LOPES, C.; MORELLI, F.; OLIVEIRA, M.; RODRIGUES, S.; SANTOS, S. **População em situação de rua e o direito à cidade.** In **Pensar BH / Política Social**, Belo Horizonte: Câmara Intersetorial de Políticas Sociais. Julho de 2011. N° 29. p. 5-8.

BERNADET, Jean Claude. **A migração das imagens.** In TEIXEIRA, Francisco Elinaldo. **Documentário no Brasil – Tradição e Transformação.** Summus. 2000.

BERNARD. Sheila Curran. **Documentário – Técnicas Para Uma Produção de Alto Impacto.** Rio de Janeiro. Elsevier. 2008. Caps. 3, 4, 5, 6, 8, 11, 12, 13, 14 e 15.

BONI, Valdete & QUARESMA, Silvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais.** In: Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Florianópolis. janeiro-julho/2005. Vol. 2 n° 1 (3).

BORDIN, M.; SIQUEIRA, S. **Reflexões sobre a política municipal para a população em situação de rua em Belo Horizonte.** In **Pensar BH / Política Social**, Belo Horizonte: Câmara Intersetorial de Políticas Sociais. Julho de 2011. N° 29. p. 9-12.

BRAGA. José Luis. **A sociedade enfrenta sua mídia – dispositivos sociais de crítica midiática.** São Paulo: Paulus. 2006.

BRETON, Phillipe & PROULX, Serge. **Sociologia da Comunicação.** São Paulo. Edições Loyola. 2011. Cap. 3.

CHARADEAU. Patrick. **Discurso das Mídias.** São Paulo. Editora Contexto. 2009. Caps. 1, 2 e 3.

COSTA. Ana Paula Motta. **População em situação de rua – contextualização e caracterização.** Porto Alegre: Revista Virtual Textos & Contextos. Dez 2005. N° 4, ano IV.

DA-RIN. Silvio. **Espelho Partido – Tradição e Transformação do Documentário.** Rio de Janeiro. Azougue. 2006. Caps. 3, 8 e 9.

DIAS, S.; OLIVEIRA, F. **Catadores nas políticas públicas.** In **Pensar BH / Política Social**, Belo Horizonte: Câmara Intersetorial de Políticas Sociais. Julho de 2011. N° 29. p. 17-20.

ELIAS. Norbert. (trad. Vera Ribeiro). **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Zahar. 2006. Partes I e II.

FABRIS. Annateresa. **Identidades Virtuais – Uma Leitura do Retrato Fotográfico.** Belo Horizonte. Editora UFMG. 2004. Cap. 1.



FAGNANI, Eduardo & SPOSATI, Aldailza. **Onde Fica a Linha da Pobreza?** *In Le Monde Diplomatique Brasil*. Fevereiro 2011. Ano 4. No. 43.

FERREIRA, Frederico Poley Martins. **População em Situação de Rua, Vidas Privadas em Espaços Públicos: o Caso de Belo Horizonte 1998-2005**. Secretaria de Planejamento e Gestão do Estado de Minas Gerais. 2005.

FIGUEIREDO, G.; BOVE, C.; OLIVEIRA, R.; LOPES, C. **Belo Horizonte em diálogo com a população em situação de rua: uma tarefa histórica**. *In Pensar BH / Política Social*, Belo Horizonte: Câmara Intersetorial de Políticas Sociais. Julho de 2011. N° 29. p. 25-28.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro. Editora LTC. 2008. Parte II.

GOVERNO FEDERAL. **Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua**. Brasília, 2008.

HALL. Stuart. **Da diáspora – Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Humanitas. 2011. Parte 3.

JOLY. Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas. Papyrus. 2010.

KELLISON. Cathrine. **Produção e direção para TV e vídeo**. Rio de Janeiro. Elsevier. 2007. Caps. 3, 7, 8, 9 e 11.

LINS, Consuelo & MESQUITA, Cláudia. **Filmar o real**. Rio de Janeiro. Editora Zahar. 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise dos Textos de Comunicação**. São Paulo. Cortex. 2008. Caps. 11, 12 e 13.

MALINVERNI, Cláudia, CUENCA, Angela Maria Belloni & BRIGAGÃO, Jacqueline Isaac Machado. **Epidemia Midiática: Produção de Sentidos e Configuração Social da Febre Amarela na Cobertura Jornalística, 2007-2008**. São Paulo. 2012.

MASCARELLO, Fernando. **História do Cinema Mundial**. Campinas. Papyrus. 2010. Caps. 10, 11 e 15.

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação Como Extensão do Homem**. São Paulo. Editora Cultrix. 1964. Caps. 8 e 9.

META INSTITUTO DE PESQUISA DE OPINIÃO. Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Sumário Executivo - Pesquisa Nacional Sobre a População em Situação de Rua**. Coordenação: Flávio Eduardo Siqueira. Abril de 2008.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME, PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE, PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS & INSTITUTO NENUCA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. **2º Censo da População de Rua e Análise Qualitativa da Situação Dessa População em Belo Horizonte**. Belo Horizonte. Gráfica e Editora O Lutador. 2006.



- NEVEU, Érik. **Sociologia do Jornalismo**. São Paulo. Edições Loyola. 2006. Capítulo 5.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Campinas. Editora Papyrus. 2010. Cap. 1.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **Caminhos da Identidade**. Brasília. Paralelo 15. 2006. Caps. 1, 2 e 3.
- PINTO, Milton José. **Comunicação e Discurso**. São Paulo: Hacker Editores. 2002.
- PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de Documentário: Da pré produção à pós produção**. Campinas: Papyrus, 2009.
- SOUZA, Maria Luíza de. **Desenvolvimento de Comunidade e Participação**. São Paulo: Cortez. 1989. Cap. I, II, VII e VIII.
- SPRANDEL, Márcia Anita. **A pobreza no paraíso tropical**. Rio de Janeiro: Dumará. 2004. Cap. 1 e 2.
- TEIXEIRA, Francisco Elinaldo. **Documentário no Brasil – Tradição e Transformação**. São Paulo. Editora Summus. 2004. Caps. 1, 2 e 4.
- TÓFOLI, Luciene Fátima. **Ética no Jornalismo**. Petrópolis: Vozes. 2008. Cap. 1-4.
- TRAVANCAS, Isabel. **Fazendo Etnografia no Mundo da Comunicação**. In BARROS, A. e DUARTE, J. (orgs.), **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006, pp. 98-109.
- VASCONCELLOS, M.; GOULART, T.; SIQUEIRA, L.; SANTOS, C.; OLIVEIRA, M. **Direitos humanos: realidade e desafios**. In **Pensar BH / Política Social**, Belo Horizonte: Câmara Intersetorial de Políticas Sociais. Julho de 2011. N° 29. p. 13-16.
- VINHAL, Leidiane N. S. **Cinema Documentário: a Representação do Menino de Rua no Documentário Onibus 174**. Belo Horizonte. 2007
- ZETTL, Herbert. **Manual de produção de televisão**. São Paulo. Cengage Learning. 2011. Seções 2.1, 3.1, 5.2, 6.2, 9.1, 9.2, 16.2, 18.1, 19.1, 19.2 e 20.2.